do" à natureza da arte; para di-tros, a síntese da mesma arte que, durante séculos de reclusão, ago ra se liberta do alfabeto, cheja ra se liberta do alfabeto, cheix de vida e plasticidade. O meso têrmo – lugar de conveniencia – é contrabela. compreendendo ou não, explicario de la color de la col é contrabalancear os extremos do ou refutando o que pode ser compreendido, explicado, refutado ou aceito. Mas não há meio têrmos. Quem quiser se juntar ao movimento concretista, que o faça com o mesmo ardor e tenacidade dos que estão conquistando palmo a palmo, ou pulo a pulo, o terreno ainda baldio de nossas vaidades literárias. Exprimir uma idéia, eis o alvo. O problema da comunicação, isto é objeto que não comove o artista.

A arte concreta tem demonstrado possuir seus veículos próprios de entendimento, como no-lo tem demonstrado seus teóricos. Mas possui qualquer coisa desnorteante e imponderável, como o delírio dos deuses. Nossa sensibilidade pela primeira vez chegamos pontual ao espetáculo e queremos compreendê-lo, tomando ou o partido do crítico reacionário, que sofisma sôbre preconceitos ideológicos, ou então o do adepto apaixonado que descobre, em cada movimento, na menor partícula, um motivo que o excita.

Nem crítico, nem adepto. Apenas espectador. Como cronista. procuraremos transmitir aos leitores de Letras Fluminenses uma impressão pessoal dos aconteci-

A arte deve renovar-se. A posteridade tem o hábito de coroar todos os renovadores. Não seremos nós que, desta tribuna, que não é tribuna, iremos aviltar um movimento corajosò e sincero, um movimento que traz em si não apenas uma mensagem, mas algo o concretismo é fruto de uma inprofundo que está em nós mesmo, em tôda parte, debalde tentamos negar ou obscurecer: o entusiasmo

Lancado no salão da Casa do Estudante, com algum barulho, em fevereiro último, o concretismo é o resultado de uma longa fermentação de idéias. Não se fêz milagrosamente, nem inesperadamente. Veio à tona, quando a acumulação das novas tendências se tornou mais pressionante. Não teve o mérito de, no ato que o originou, abalar fundamente a estrutura de nossas letras, terreno semi-povoado; mesmo o barulho que em redor dêle se fêz não foi suficientemente forte para chegar às camadas alheias ao aconchego literário, ao grande público, pove. A semana de arte concreta, realizada pouco depois no salão do Ministério da Educação, também passou. O povo não tomou conhecimento, nem mesmo uma claque" rebelde fêz pateada. Apenas certos maliciosos andaram entando anedotas que, por fal-

tecimento atual de Brasil", recordista dos pequenos muitos é um "atenta do um caderno de literatura origibem definita, se salienta em ser o papel pedagógico dêste Suento, lado a lado com sua ssão de agitador cultural"

rogava o direito de empastelar so-ciedades literárias, forçando seus membros a atividades clandesti nas, francamente revolucionárias Também passamos incólumes pe las colunas do romantismo, parnasianismo, do naturalismo. Já um pouco fremitados aderimos ao simbolismo. Nossa literatura começa na verdade a se mostrar adulta, provocando distúrbios, com certo sabor de anarquia e insatisfação, com o advento do modernismo cheio de ramificações e afinidades a tôdas as escolas pregressas, dividindo-se, com fartura de sufixos, em futurismo, verdeamarelismo, nacionalismo regio-

Chegamos então ao concretismo, lançado simultâneamente no Rio e em São Paulo. A princípio tinha-se como certa a unidade do movimento. Agora, pelo menos, duas tendências se eshocam. A rivalidade dos dois grandes centros urbanos de arte, literatura e economia, pareceu, um momento, desaparecer. Mas Atenas e Esparta jamais se entenderam, como também poderiam manter uma trégua amistosa, durante um curto período que fôsse, Rio e São Pau-

Como todo movimento de arte,

nalista, hermetismo, antropofa-

consistência. Experiências anteriores e alheias, absorvidas e acumuladas indistintamente, ramificadas aos mais atuais conhecimentos de ordem técnica, objetiva ou subjetiva, teórica ou prática. E' o resultado de conflitos morais e materiais, sùbitamente revelados. aclarados. Ele se caracteriza, entre nós, como uma explosão de fôrças autônomas, embora, paradoxalmente, se baseie em conquistas que não foram realizadas por nós. Não é preciso recorrer aos têrmos de um discurso para compreender essa amalgamação. Todos os teóricos que o tem procurado explicar, até agora, revelam um atavismo quase patético. O grupo paulista, mais obsedado, o grupo carioca, talvez mais coerente, Haroldo Campos, Décio Pignatari, Augusto Campos, no planalto. Mário Faustino, Ferreira Gullar, Oliveira Bastos, José Lino Grünewald, do outro lado da baia. Os mobiles poéticos ainda são armados com os materiais de culturas passadas - gregas, européias de tôdas as épocas, orientais. Como fonte de suprimento da maté-

CONCRETO PLASTICO E ABSTRATO NO POEMA E FORMA

à sua roda uma pléiade compacta gestação do poema plástico. A úle harmoniosa, no Rio, em tôrno, tima IV Bienal de São Paulo, do suplemento literário do "Jornal do Brasil", isto é, de Reinaldo Jardim, pululam ondas inquietas

os nortistas Mário Faustino, Bene-Nunes, Oliveira Bastos, Nil-Penna, Ferreira Gullar e os eridionais José Lino Grünewald, Assis Brasil, Ruth Silver e o sulista de Santa Catarina Édino Krieger. Muitos outros estão surgindo, péia. mes que se lançam com sucesso na poesia, filosofia, crítica literária, artes plásticas, música, ballet, reportagem, crítica cinematográfi-

que a juventude deflagrou, conta sia, a favor dos novos intelecto não aderindo naturalmente, n dando apôio e incentivo. Merece deira, a glória mais legítima que o modernismo deu ao País. Ao contrário de certas figuras decadentes, que vêem na atitude dos iovens oportunidade para opor suas consumidas frustrações. O sangue é novo, acredita Bandeira, o Brasil jovem, o ideal dos moços almente poética. uma avalancha que não há dique capaz de represar.

Há alguns anos vinha-se notando os primeiros pruridos do movimento que agora começa a se solidificar, a ter base entre a juventude. Foram, mais uma vez os paulistas, os pioneiros: são cocidos os lançamentos de alguns livros de poesia, notadamente os de Décio Pignatari e da dupla Haroldo e Augusto Campos, que a crítica, na época do aparecimento, discutiu e nos quais atuava, com o artezanato tipográfico e o colorido da tinta de impressão, essa ansiedade de impressionar visualmente o leitor, culando-se, consciente mas involuntàriamente, a situação em que hoje nos defrontamos.

Mas, naquela época, para os nossos artistas plásticos, o concretismo, como escola, tendência ou filosofia de arte, já não era novidade. Dois cariocas desde 1950 entendiam a nova expressão Ivan Serpa e Almir Mavignier. E' natural essa antecipação do artista plástico, pois a pintura, sendo a arte mais primitiva, tem demonstrado, na história, maior anseio de compensar suas próprias deficiências, abrindo sempre os caminhos mais audaciosos. Na se sempre, retardatária. Além prosadores e críticos. De inte funda-

veio demonstrar a maturidade dos nossos pintores e escultores, que tão brilhantemente concorreram com vultos de categoria internacional - Fayga Ostrower, Aldernir Martins, Franz Kajcberg, Franz Weissmann, entre os últimos premiados, alguns dos quais alias, vinculados à longa tradição euro-

Para o pintor Ivan Serpa, que não é ortodoxo, pois admite figurativismo nos outros, uma das soluções mais belas que encontrou na arte concreta foi a do espaço: e exaltação do espaço peia dinámica da forma com direção condiada e côres de vivência pró , êsse espaço que era antes teoria do espaço, com que o pintor exprimir as sonuços rente a que se filiou, cale em todo exprimir as soluções da cor relevar a atitude do velho Ban- o espírito da arte concreta, seja

mente dita e da litera ra, especi-

Tanto para a música, como ra sua correlata ,a dança, faltanos, por assira dizer "tarimba". anecemos no nacionalismo vação, pois, pela primeira vez, com a música nacionalista, a arte brasileira alinhou-se na hierarquia própria, no desenvolvimento lógico e natural dela mesmo. Antes. como se sabe, tôda a nossa música foi uma experiência ultra-erudita e extra-nacional, sera base popular, que não existia - como nos ensinou Mário de Andrade -. sem o patos racial. O dodecafonismo foi, entre nós, mais uma frustração; um esboço não aproveitado. Não que lhe faltasse qualidades, nem bons elementos todos sabem que Hans Joachin Koellreuter produziu dois grandes músicos e compositores admiráveis, Guerra Peixe e Cláudio Santoro, hoje voltados para o nacionalismo musical -, mas se exercitava na ausência completa de um quê, mais psicológico que material, mais imponderável que ex-

Quais porém, depois da discuti da semana do arte concreta, repetição da semana de arte moderna hierarquia da arte, é pioneira, as-/ dos paulistas de 22, os frutos des sim como a música é, qua-sa conquista? Alguns bons poetas rêsse popular e social, nenhum

como a beleza e o encanto de uma simplicidade armada com inlensão a uma facilidade demasiadamente convencional. Admite-se assim, de caso pensado, tenham os modernistas adotados as formas simples, primitivas, com o intuito mudar fundamentalmente as nossas concepções. Tal como, nuri outro exemplo, nos defrontássemos liante dos movimentos deliberalamente simples de "L'Aprèsnidi d'un Faune": Nijinskn dan-

Vicence Lalles

ando. A danca, corajosamente jumana, despojada de seus arabescos tradicionais, que a todos iós nos choca duplamente: ou nostrames um pudor hipócrita, omo outro Calmette, ou choranos de emoção e prazer espiritual, omo Rodin. O mestno podemos sperar dos concretistas: que muin, fundamentalmente, as nosas concepções; que nos emocioiem completamente ou nos despertem, por igual, um certo pu-

or hipócrita... Cada artista po-

ce mover-se livremente de acôr-

ovimentos, são possíveis, dentro

ce sua liberdade de expressar,

nesmo que se conduzam aos re-

história de nossa arte, sas duas conquistas do concrefismo - a da arte plás pròpria-

dade, que serve de base à consem nenhame prom ssa de reno- a verdade individual não pode se confund mum, e que todavia, é sempre a O problema é sempre o mesn deve o artista fazer co píblico? Não deve? Mas em qui consiste tal concessão No início do século dois artistas dispuravam as atenções do

mundo; dois temperamentos; duas naturezas distintas - Pavlova e Nijinski, rivais na mesma arte. Pivlova, segundo Rômola Nijinski, degradou a sua arte por fazer concessão ao público. Essa concessão, en síntese, era o ideal de Ana Pevlova: "levar alegria a todo o mindo" e, por isso, dançava com a mesma maestria no Marynski de São Petersburgo como num music-hall de baixa categoria, num espetáculo de variedades, em Nova York ou mesmo numa pocilga em Quaiaquil. Nijinski, aristorrata da dança, jamais se sujeito a tal "paixeza", mas, por seu lado, fêz meravilhosas concessões ao público, quando pretendia satis azer a si mesmo, criando peças criações em Le spectre de la rose" e "Petrouchka", até suas pró prias coreografias imortais.

E' natural, daí o dilema: há o sentido em que tomamos a palavra e ha a palavra que nos toma do "eu" interior com o "eu" exteo sentido. Do mesmo modo: o homem criador da obra e a obra criadora do homem. Diz-se todavia que a ordem dos fatôres não altera o valor de um produto.

Mas afinal tudo é um mito: a mito; logo o poeta também é um

Pôsto que a poesia se encastelou; repudiou-se sua função social. E ficamos neste impasse, sem saber o que é essencial, se o corna que veste a roupa, se a roupa que o corpo veste.

O contentamento individual, ca pitalismo dominante que se opõe desta escala natura, ondulante e do nestes principios, age de forma vel se torna a decadência da so-

ções da massa, parece tripudiar sôbre a sensibilidade comum. Egocêntrico, também é o intelectual concretista - que não procura se libertar das vacilações psicológicas, ao contrário, fecha-se mais, num circulo hermético, concêntrico e indevassável, procurando elevar a poesia, para deleite próprio, a um campo de verdadciro prestígio do exótico. Não manifesta repúdio às convenções e, na obra realizada, emite uma sé rie de convenções novas: converção visual, estética, formal, especial, lingüística. Em resumo convenção ideogramática. O que está realizando é por ventura menos extraordinário do que pensa. há consciência disto e se se mantém intransigente é porque há igualmente um álibi poderoso e irrefutável: estamos vivendo numa época de transição. O domínio da máquina gera um anseio maior: fazer com que a máquina não nos domine. Poderá vir no futuro o "robot" que tornará absolutamente inútil a capacidade de mesmo. Começam a ganhar notona Itália, terra de músicos, um empositor mecânico realiza as proezas mais impressionantes; entre nós, há pouco tempo, Abraão Palatnick nos surpreendeu com o primeiro aparelho cine-cromático causando verdadeiro pânico entre

dia são apetrechos indispensáveis

aos escultores, mas não tardari

surgir um habilíssime inventor

de figuras em massa, pedra e Será pois o concretismo o deseslatente. demoradamente acumulado pelas gerações que nos antecederam e tende agora a deparafusos desta engrenagem ma-luca? Ou, contràriamente, o poeta, sufocado pelas realizações da máquina, na forma, no fundo, no conteúdo absoluto, procura j tá-la, tornando-se assim, por igual, um instrumento passível de contrôle automático? Já o virtuo- sas, investiga e estuda os segresismo poético não é um completa domínio da criação, um motor sem desgaste, Por ventura é mais razoável ao poeta concretista imaginar prematuramente apenas uma Do homem ao objeto de suas informa e designar, ou dar corpo vestigações porém ha usa grande de poema a essa forma, sem se espaço, uma matéria isolante, que aperceber nadamente do veículo o afasta do senso em imaterial, limitando-se apenas do vez êle precisa abrigar-se segura pressionismo visual. E' êste im-ressionismo, todo material, que poderá deter a expansão de sua emotividade, restringindo-a a êle próprio, perdendo, assim, a sua que, além das palavras, p obra, a essência de comunicação rior. Mas terá êle, necessàriamente, intuição pictórica-arquitetural; pois assim a forma surge antes das palavras; as palavras, funcionais embora com função limitada, fragmentadas, desintegradas, jeita a pesquisas e deduções, como palavra é um mito; a poesia é um nada por isso representam. Por elemento físico. Aí está porventucoerência, será preciso aínda in- ra, além elem de outros méritos ventar um meio de não se utilizar jamais estas letras obsoletas do ta do concretismo. Pois corresponalfabeto, que ainda atrop elam desastradamente os ideogramas. Falta algo essencial e inamissível, alse o modernismo foi materialmen ela é feita para uma sociedade o go que nos dê claramente e de chofre a idéia, a invenção do poe- te um retrocesso, volta à infância sua época e stinge o apogen ia. Para que a expressão arcaica da poesia, o concretismo, escuda-

violentamente aos anseios e afli- melodiosa, quando temos à nossa mão os vastos recursos dos meio-

tons da escala cromática? A desintegração da palavra é a pedra de toque e não será essa simples descoberta - tão simples que só agora nós, ocidentais, nos apercebemos dela -, que projetará o concretismo além de nessa época. Será, acreditamos, o seu carater intrinseco, vivido pelo artista, individualmente, e que nos dá hoje êste sabor de atualização do futuro. Chegamos a êle preci-amente depois que em ciência o homem conseguiu dominar e desintegrar o átomo, e, em política, a sociedade se organizar sob a égide do capital. O que desnorteia, pelo menos por enquanto, quando ainda não compreendemos inteiramente a lógica dos seus teóricos, é uma certa fôrça positiva e uma extraordinária precisão de conceitos. Na verdade, nunca surgiu em nossa literatura uma geração amoldada em métodos tão

Não se pode negar que o poeta concretista "sinta" a poesia nessa realidade; como não podemos duvidar que a juventude se excite frenèticamente ao ritmo da danca mais exótica.

Mas também a poesia concreta,

como a música ou qualquer ou-

tra arte, não está isenta de adul-

terações: surge no caos e do caos

alguma coisa sobrará. Agravou um problema familiar a todos os os pintores. As máquinas hoje em processos de apuração artística. Romperam-se, com a detonação da palavra e com a fragmentação do pensamento (paradoxalmente mecânico de "mobile" ou mesmo essa fragmentação do pensamento tem uma linha de conduta harmoniosa e una, conforme o entendimento do autor), todos os elos de comunicação do artista com o homem; o artista voltou-se para o abominável: o artifical, o artezanal, o prestígio da originalidade intencionada, pré-fabricada, pesquisada com a mesma ansiedade do investigador que, na solidão do laboratório, procura àvidamente isolar o vírus de um mal pestilento. E' o homem que, maravilhado, através de lentes poderodos do insondável mundo exterior; ou aquêle analista que, através de aparelhos especiais, assiste conovido à explosão de um átomo, tão em têrmos de dúvida. Claro expressar nossas emoções. A poesia existe. Participa de tôdas a emoções, tão abstrata e impalpavel como um mito. Afinal, representá-la não é "criá-la"; é, antes. "senti-la". A construção do poema doravante será espacial, sude à nossa época instável e evolutiva. E poderá marcar a época conquis as de outras artes, como mais avançada de nossa poesia:

josamente à posse do futuro.

Comprender é aceitar em tên mos. O comum é aceitarmos sempre a vitória da vontade dos pioengrossamos as fileiras, procuran do alcançar e se possível tomar frente à vanguarda. Também surgirão a esta hora os reacionários Tal os deficientes fisicamente que se rebelam contra os que os chamam de incapazes. E' natural, contudo o concretista tem igualmente suas deficiências, seus pontos vulneráveis; procurará sem dúvida superá-los, dando-nos impressão de que participa intimamente do fim colimado, e antinossos olhos os verdadeiros valores se agigantarão levando, de arrastão, os parasitas, que também presumirão agigantar-se Curioso assinalar um dos con

trastes do movimento: a volta in consciente ao passado quando se lançam para o futuro. Não é uma volta saudosa; é um estudo feito com a superioridade de quem sabe avaliar e préprie va lor. Investiga-se, para fortificar a posição conquistada ou para abreviar as soluções futuras. Talvez isto seja o que menos nos interessa a nos espectadores e o que mais depõe contra a fragilidade dessa força que, em momento tão postuno, se lançou na história. Parece que há um desejo de compor teses, dito melhor adaptar a inteligência passada aos caprichos e oscilações da época, o que não é lá muito razoável. Mostrar num apanhado amplo e atualizado, numa tela panorâmica colorida com artifício, os velhos temas é, em síntese, deturpar. O virtuoso afinal é o que domina o instrumento e não a obra, há de

se dizer. Não concordamos plena-Este contraste coincide singularmente com o gôsto do povo pelas obras dos mestres antigos. Particularizando, é o que tem acontecido últimamente com música pré-clássica, vulgarmente chamada "barroca", descoberta em nossa época pelos amantes do belo puro (geralmente é a música de caráter místico religioso de Bach, Vivaldi e Palestrina mas também há compreensão para a obra profana dêsses autores, embora sempre imbuída do mesmi espírito, misto de deleite e quietude espiritual, atmosfera de exceção, como os "concerti grossi" as primeiras sonatas, cantatas, desencravar os velhos nestres da poesia, alimentandorealizada, do trivial, do comum. artes, é a mais retardatária. conquirtas dependem sempre das também da sociedade. Em geral

quando mais grave e irreme

gem o grau de saturação. A missica moderna não corresponde is teiramente à sensibilidade do homem moderno, ne estado de repouso. Por isso ha e se justifica essa busca desesperada à música dos angélicos e se compreende porque Stravinsky, que nos deu a lição de uma música grandemente impregnada de ritmo, depois de sua conversão ao cateli cismo, nos deu também páginas mento. Ou mesmo, entre nós, o Villa-Lobos do "Rudepoema" cantar a "Missa de São Sebastião" a cantilena da "Bachiana n do Bach, será capaz de uma indignidade, de um pensamento ini puro? Bach nos dá a linguagem que desejamos ouvir para aplacar nossas aflições, uma linguagem s dia, misto de ternura e fé, amo expressão, que nenhum pregador o mais beato, poderá imitar e transmitir. O mesmo porém não sentimos diante do desespêro do músico moderno, quase sempreobsedado pelas idéias mais 'er renas, embora nem por isso mais humanas, pôsto que pressente anular-se com a concorrência da máquina que o quer subjugar e recalcando velhas aflições, dá-nos uma emoção nada transcendenta! Wagner o honiem começou a sentir a música como produto de uma personalidade em pânico, delirante e desajustada. Nom Beethoven, vitima de comple es morais e físicos, foi tão "pateti-.. embora nos desse, no comportamento vital e em algumas páginas sublimes, o testenunhe de um gênio optimide e sacrificado. Os seus adágios maravilhosos, plenos de contentam nto ve e pura, lembram, quase sempre, estados de absoluta satisfação com os deuses, sensibilidade e ternura, confortando-nos, tal como Bach, o espírito. E' sabido que a "Nona", onde o mestre ergueu mais alto a sua bacuta, finaliza com um hino pleno de felicidade, que o reconcilia sublimado com a vida e com os homens O dramático porém, que se retrata hodiernamente, é que o mú-

clod de, atravessando, com es-

olendor, esse período oramático sociedade moderna está traunatizada, os movimentos artisti-

e cada vez mai rapidamente a in-

sico atual procura fugir da música, restringindo-se aos seus processos mecânicos - para Stravinski, o mais genial de nossa época moi o dodecafonismo, que de si ticulou a dupla tradição melódica dência, como que procurando avisão, na nossa époce, sem fugir da do compositor, integrando-se nas diversas correntes - zoroastro, fu-turismo, atonalismo, etc. -, onquanto o poeta, por sua vez, adoimagem visual, de efeitos tão con timista na sua evasão de perada para o guarativo los os as sim die uma trauferi a de sectiments, porque embo a sara doval - le aleri disso complexo e obscura revelando personalidades profunla causa al ada, a videz cora que se procer temonstrar o lado positivo dessa comada de posição a comoció pela poesía de Pound especialmente, tudo se traduz nu-

(Conclui na pag. 10)